

Na interpretação do prelúdio de "Fervaal" de Vicent [sic] d'Indy, destacaram-se os segundos violinos pela bela homogeneidade e intenção que deram a todas as frases.» [1923/06/05 : 3]

Assim termina, *impromptu*, N. B., deixando-nos numa inquietação: e a «*proficiência*» dos primeiros violinos, liderados pelo excelente Luís Barbosa? E os outros naipes - «*igualmente dilectos para a sua [dele, Lacerda] acuidade de director, paralelamente interessantes para a sua alma de emotivo*»?... Porquê os segundos violinos?... Insondável mistério - como o da própria *Filarmonia*, que aqui investigamos.

### O segundo concerto triunfal

Se o concerto inaugural foi um sucesso, maior ainda seria o segundo em que participou a violoncelista portuguesa de renome internacional, Guilhermina Suggia. Mantendo o género feminino, vejamos o que disse Oliva Guerra, a poetisa responsável desde a sua fundação em 1921 pela coluna musical do *Diário de Lisboa*, onde levou a extremos de deliquescência um estilo de recorte literário e sentimental, e de enfoque social na elegante assistência dos concertos:

«*Falar da Arte de Guilhermina Suggia fôra o mesmo que tentar modelar no barro tosco da palavra fragil todo o fremito divino que se desprende, como uma chama, das mais altas manifestações do sentimento humano; fôra o mesmo que tentar traduzir toda a essencia mais vibrante do lirismo da alma, dum alma excepcional que sofre e chora e canta, fazendo do seu sofrimento, da sua voz e do seu canto toda a força esmagadora com que sacode, arrasta e despeça toda uma multidão de almas, que a escuta de joelhos. Essas milhares de almas viu-as ontem Guilhermina Suggia ali rendidas, amarfanhadas por aquela angústia sufocante que se experimenta em face do que é grande de mais para este mundo, esses milhares de almas sentiram ontem ali aos pés da grande artista esses extases supremos e inesquecíveis que ficam a viver eternamente a dentro de quem os sente com todo o dominio absorvente dum visão larga de prodigio. A Arte de Guilhermina Suggia não se define, é indescritível. Reune em si tudo o que ha de mais intimo, de mais profundo e mysterioso a dentro da alma humana. Domina e arrebatada. Como sacerdotisa no seu trono, embriagada de sonho, em atitudes estilizadas de inspirada, Guilhermina Suggia teve momentos de emoção que a levaram para além da Vida no vôo transfigurador da arcada arrastadora. No seio do seu violoncelo privilegiado vibrou uma alma sublime que gemeu, gritou e se estorceu nos paroxismos da paixão, uma alma imensa, sedenta e desvairada, feita de retalhos de almas, de todas as almas sofredoras que vivem a vida eterna das emoções raras.*»

Depois destes excessos verbais, vem a brevíssima referência às obras tocadas que, por sinal, marcam a versatilidade estilística da violoncelista e do maestro, mas não suscitam comentários à cronista (mais literária que musical, está bem de ver):

«*Não é possível destacar qualquer trecho ou passagem dos concertos de Haydn [qual?] e de Lalo, que tocou com a orquestra, ou da suite [qual?] de Bach, que tocou a solo, porque em tudo foi igualmente grande inxcedivelmente genial. Francisco de Lacerda, o grande regente que nos maravilhou ha dias com o seu savoir faire inegalavel, foi ontem ao lado da divina artista o colaborador insuplantavel em todos os numeros de orquestra, só ou no acompanhamento á illustre solista, e onde a sua regencia cuidada, precisa e elegante,*

*sem gestos inuteis nem teatralidades rebuscadas, soube comunicar como uma chama oculta todo aquele fremito de emoção indefinivel, que é a grande vitoria da verdadeira Arte.*

*As ovações foram tambem indescritiveis. Nunca assisti a uma apoteose igual.»* [1923/06/08 : 2].

Apoteose que transbordou mesmo da sala de S. Carlos, numa manifestação de rua (hoje inconcebível), de que dá conta o colunista A. J., n' *O Século*:

«*[...] Para dar uma nota d' este entusiasmo sem precedentes, terminaremos noticiando que, findo o espectáculo, artistas e publico, n' este figurando o que ha de mais illustre nas letras e nas artes, acompanharam, até á praça de Camões, em triunfal cortejo, soltando-lhe vivas clamorosos, a grande artista, que da janela do hotel Europa, onde está hospedada, agradeceu, comovida e sensibilizada as manifestações recebidas.*» [1923/06/07 : 2]

Para quem viu tocar Suggia e, necessariamente, experimentou o seu sortilégio, não parecerá exagerado este efeito catártico, causado mais pela concertista que pelo maestro, diga-se de passagem. Mas para Lacerda, ao sucesso juntou-se a cautela assim dada por aquela que, com Viana da Mota, era uma das duas estrelas portuguesas no universo dos virtuosos instrumentais, e que lhe confirmava, junto da opinião pública, a aura que as simples notícias dos seus méritos não seriam bastantes para atear.

Sampaio Ribeiro - o *Ego* do *República* - já despido de prejuízos, não se conteve em louvores:

«*Se o primeiro concerto deste nucleo sinfónico, foi, por si, um acontecimento artistico de primeiro plano, o segundo, em que Guilhermina Suggia se apresentava de novo - e para a maior parte das pessoas pela primeira vez - ao publico de Lisboa, marca um triunfo não só para a nossa celebrada compatriota, como para a Filarmonia e é mais um marco miliário na grande estrada do cultivo da musica entre nós.*»

Paremos um instante para acentuar o reconhecimento dum salto qualitativo na senda da nossa já abundante, mas raras vezes fulgurante, actividade concertística. O panegírico que segue, de Suggia, tal como os acima citados, entoa toda a escala dos superlativos, só que os faz soar, em geral, mais afinados, com os adjectivos ornamentais melhor colocados:

«*Não é possível encontrar palavras, não há frases que possam traduzir cabal e capazmente as impressões que Suggia produziu no espírito de todos. Mixto de admiração e de pasmo, fascinação, encantamento, e arroubo por tudo. Sucessivamente, a grandissima artista nos fez passar, numa gama ascendente, cada vez mais poderosa de dominio.*

*A sua arcada, a sua tecnica, a sua grande alma, a sua mascara traduzindo passo a passo todas as "nuances" dos trechos executados, por forma a convencer-nos que artista e instrumento formam um todo, um bloco, como que completando-se mutuamente.*

*Independentemente destas qualidades assombrosas, Suggia ainda nos oferece outro prisma por que passamos a admirá-la: a modalidade da sua alma de artista, a sua compreensão nítida das obras executadas, a sua integração nelas. Talvez seja dentre as suas pasmosas qualidades a mais surpreendente!*

*Suggia tocou a solo a celebre "suite" em dó de Bach [agora ficamos a saber*

qual das suites foi!], e com acompanhamento de orquestra dois concertos em ré, de Haydn e de Lalo.

Pois na execução das 3 obras não houve um só ponto de contacto, não houve um só compasso, uma só nota dum delas que nos pudesse fazer lembrar uma nota ou um compasso de outra! Fantástico!»

Depois destas desmedidas hipérboles, Sampaio Ribeiro, reporta os aplausos apoteóticos que já conhecemos, mas acrescenta um pormenor revelador, quanto à qualidade do público, antes de apreciar Lacerda (a quem deixa de chamar sr., mas Maestro - com maiúscula!) e a Filarmonia:

«[...] Há a notar que na assistência havia muito do bom, musicalmente falando, por exemplo Viana da Mota, maestro Fão, Rey Colaço, Freitas Branco [Luís, decerto], José Henrique dos Santos, Rui Coelho, Artur Fão, Costa Reis, Adriano Pereira [Mereia, talvez], etc.

A orquestra preencheu o resto do programa, tocando optimamente a Abertura do “D. João”, “Fragmentos do 3.º acto dos Mestres Cantores” e o nocturno de Duparc “Aux Etoiles”.

O Maestro Lacerda felicissimo e competentissimo quer como regente quer como acompanhador.

E... creio bem que para o outono teremos novamente ensejo de aplaudir este esplendido nucleo sinfónico. Ego» [1923/06/16 : 3]

Terminemos o cortejo triunfal com a prova real, o mais sábio e empolgante artigo então impresso, e um dos mais fulgurantes que assinou Luís de Freitas Branco - prosa que transcrevo dum jacto, tal como foi escrita<sup>6</sup>:

«Quem ontem assistiu e esta memoravel noite, saiu do teatro, por muito pouca sensibilidade que possuísse, caçado de emoções, com os nervos destrambilhados, por ter ouvido Guilhermina Suggia.

Ontem, em S. Carlos, fez-se arte da mais pura, da mais elevada e tambem da mais intensa e sincera, houve o frémito divino que sacode e embriaga, que aperta a garganta e humedece os olhos como se fosse um sofrimento e é um prazer, como se fosse insuportavel e desejar-se, como no Fausto de Goethe, prolongá-lo eternamente.

Dizer depois disto como tocou Suggia, analisar a sua tecnica de mão esquerda, a sua arcada, o seu estilo, parecer-nos-ia uma profanação, e além disso, como cremos já ter dito, não nos sentimos com a serenidade precisa para estas frias considerações.

A tecnica da colossal artista é ilimitada, extraordinaria a sua sonoridade, a arcada esplendida, tudo em fim quanto representa a preparação de um violoncelista o mais completo que possa imaginar-se, possui-o a nossa genial compatriota no mais elevado grau. Imagine-se tudo isto e pense-se que mesmo assim não se terá uma palida ideia do que é a arte de Guilhermina Suggia, por que todas essas qualidades, por muito importantes que as consideremos, desa-

<sup>6</sup>Recordemos que o autor deste artigo - como tantos outros - escreveu-o ainda fremente das emoções vividas, logo após o espectáculo, na mesa incómoda da redacção, Rua (hoje) do Diário de Notícias, e na confusão da última hora, para sair na manhã seguinte - quando ao feroso Luís o que lhe apeteceria era dar um salto ao Hotel Europa, a partilhar essas emoções não com o seu «tão certo secretário, papel», mas em carne e osso, com Guilhermina, no seu círculo íntimo...

parecem perante o espirito criador da obra de arte que lhe estamos ouvindo, uma sensibilidade, aguda, intensa, dando a cada periodo, a cada frase, a cada ritmo o seu completo valor expressivo, parecendo ainda intensificá-lo, até nos deixar como estamos ao traçar estas linhas, exaustos de emoção, procurando em vão as palavras que não existem, para repetir o que Suggia nos disse numa divina linguagem.

Limitar-nos-emos ao enunciado das obras pela grande artista interpretadas, que foram os concertos de Haydn em ré maior e de Lalo, e a solo a “partita” de Bach em que se encontra a célebre “Loure”, tendo sido a “Giga” da mesma “partita” executada em “bis”.

O maestro Lacerda, que ouvimos pela primeira vez, é um regente de tecnica moderna, que ontem revelou notavel valor no modo impecavelmente clássico como traduziu a abertura do “D. João” de Mozart, na belamente graduada interpretação dos “Fragmentos do 3.º acto dos Mestres Cantores”, na poetica versão das “Etoiles” de Duparc, trecho que lhe é dedicado pelo autor, e ainda nos acompanhamentos, em que foi admirável, especialmente no segundo andamento do concerto de Lalo.

Á saída do teatro, uma multidão compacta de admiradores esperava Guilhermina Suggia, repetindo-se as delirantes e freneticas ovações que a tinham acolhido durante todo o concerto, assim como a Francisco de Lacerda. Como a genial artista se dirigisse a pé para o hotel, a multidão rodeou-a e acompanhou-a, soltando vivas e dando palmas entusiasticas.» [1923/06/07 : 2]

Momentos como este são de excepção, e merecem penas, também excepcionais, como provou ser esta manejada por Luís de Freitas Branco. E todos estes fastos da fama impulsionam a vertiginosa ascensão da Filarmonia e de Lacerda. Ascensão resistível, está bem de ver, e vamos ter já sinais disso.

### Pinto (Sacavem) ou o Velho do Restelo

No meio deste coro de louvores aparentemente unânime, uma voz destoa. A voz, ainda por cima, que mais pontificava na nossa imprensa, a de Alfredo Pinto (Sacavem). Muitos anos depois, no calor dum intriga, Fernando Lopes Graça chamou-lhe mesmo «um dos corifeus da nossa pseudo-crítica musical» [1931/1989 : 95]<sup>7</sup>. Sacavem escrevia então abundantemente, sobretudo numa das mais espaçosas colunas musicais dos quotidianos lisboetas, intitulada *De musica - Chronica semanal*, e iniciada em 1921 no *Jornal do Commercio e das Colonias*, e colaborava ainda, com menor frequência, na quinzenal *Revista Portuguesa* (que duraria apenas de Março a Outubro desse ano). Foi nesta que, um mês antes dos concertos de Junho, já manifestava a descrença a priori nos projectos de Lacerda:

«Um leitor desta revista enviou-me um posfal [sic] perguntando-me a minha franca opinião sobre os projectos artísticos do maestro Francisco de Lacerda.

Por enquanto apenas tenho que dizer que a louvável iniciativa do sr. Francisco de Lacerda é digna dos aplausos de todos nós.

Mas... o sr. Lacerda viveu muitos anos no estrangeiro e decerto desconhece o

<sup>7</sup>A identificação de Sacavem como alvo desta designação, encontrei-a no catálogo da *Exposição «Fernando Lopes-Graça, anos 30»*, Casa Verdades de Faria - Museu da Música Portuguesa, Março-Junho de 1996, documento n.º 16, p. 4.

que é o nosso ambiente musical. Por isso penso que as boas ideias do sr. Lacerda não passam d'um lindo sonho, que dificilmente será uma realidade duradoura. Antes de qualquer projecto d'esta natureza torna-se necessario preparar, educar o ambiente e o artista. D'outra fôrma é construir sobre areia.» [1923/05/12 : 32]<sup>8</sup>

Esta opinião dá que pensar. A receita que prescreve para uma construção solidamente fundada tem como requisito prévio: «preparar, educar o ambiente e o artista». Mas isto é uma obra hercúlea, que carece do lapso duma geração - ou, então, se realiza «on job» - como em regra sucede... Já vamos ver que, no mês seguinte, ao criticar o concerto inaugural, a descrença de Sacavem toma outros cambiantes, mais inquietantes. Ele que se obstinava em verberar a brandura dos cronistas musicais portugueses, e defendia a imparcialidade e o rigor do juízo crítico, neste caso pratica a sua tese vibrando uma nota dissonante no coro laudatório dos colegas, qual corifeu, de facto, conselheiro e justiceiro:

«Se o distinto maestro portuguez Francisco de Lacerda tivesse apparecido a reger uma orchestra em Lisboa, ha talvez quinze anos, não conquistaria o successo que teve no sábado passado em S. Carlos. Tinhamos antigamente alguns musicos de valor, mas não possuíamos duas orchestras, formadas e treinadas [sic] em obras symphonicas de compositores antigos e modernos.

O sr. Francisco de Lacerda encontrou agora artistas já, na sua generalidade com bom conhecimento das obras symphonicas, isto é, serviu-se de um trabalho educativo, não ministrado pelo Conservatorio, mas sim pela aturada tenacidade dos maestros Pedro Blanch e David de Sousa, Vianna da Motta e Fernandes Fão.

Não pretendo, com isto, tirar o merecimento, nem as boas intenções em matéria musical, ao sr. Francisco de Lacerda; apenas desejo prestar justiça a todos aquelles que, sósinhos, luctando com um ambiente tão retrogrado, conseguiram educar os nossos artistas, dar-lhes instrumentos e revelar ao publico as mais notaveis obras primas que eram totalmente desconhecidas entre nós. Também não devemos esquecer que, d'antes os compositores portuguezes não ouviam as suas obras, que ficavam guardadas na gaveta, mas que o sempre chorado David de Sousa<sup>9</sup>, com a orchestra do Polytheama, fez executar com applausos; e actualmente Fernandes Fão, que as recebe da melhor vontade, encorajando os artistas portuguezes com um carinho digno de nota. Por isso digo que o sr. Francisco de Lacerda vae edificar espiritualmente um templo de arte, cujos architectos foram Blanch, David de Sousa, Vianna da Motta e Fernandes Fão. São estas coisas que o geral do publico não vê e que necessita comprehender, a fim de prestar justiça com a devida conta.»

Preâmbulo em que o prurido de justiça esconde uma ostensiva antipatia, acusando quase Lacerda de usurpar direitos adquiridos (pela antiguidade e tenacidade de Blanch e Fão, louváveis muito embora); e, pior ainda, sem que o colonista se in-

<sup>8</sup>Existe uma edição facsimilada da *Revista Portuguesa*, em dois volumes: Lisboa, Contexto, 1983. A citada nota de Alfredo Pinto (Sacavem) encontra-se no vol. I, p. 320.

<sup>9</sup>Nota minha: O jovem e talentoso maestro David de Sousa dirigira desde a sua fundação, em 1913, a *Orchestra Sinfónica de Lisboa* nos concertos do *Politeama*, que fizeram época, até morrer com a *pneumónica*, aos 38 anos, em 3 de Outubro de 1918.

terroge sobre o que mais importava saber: se Lacerda era ou não mais competente do que os colegas estabelecidos; se vinha ou não oferecer ao público e à cultura portugueses um progresso qualitativo nas interpretações e nos reportórios (de cuja rotina, muitas vezes, o mesmo crítico se queixava...). Mas, logo, Sacavem troca a máscara de juiz pela de oráculo, prenunciando a ruína da empresa:

«O grupo orchestral que fôrma a Philharmonia de Lisboa, onde estão reunidos os nossos melhores artistas, podemos dizer afoitamente que é uma orchestra de verão, o que não é de todo mau para nos consolar, e livrar-nos dos maus espectaculos que nos dão os theatros.

Em vindo o início da estação musical, como poderá o sr. Lacerda reunir uma orchestra assim?

Uns vão para o Blanch, outros pertencem ao Fão; a do teatro de S. Carlos não prima pela qualidade. Poderá a Philharmonia de Lisboa dar concertos com este e outros? O sr. Francisco de Lacerda estará na doce illusão de pensar que o musico portuguez possui a devida disciplina e o amor á sua arte? Estas considerações não são exageradas, são filhas do meu conhecimento do meio artistico.»

Cassandra não diria melhor, nem o Velho do Restelo, adversário azedo de valentes audácias e vãs cobiças. Ainda por cima, o ousado usurpador é por demais ingénuo, ao desconhecer os arraigados vícios dos instrumentistas portugueses (que agora o crítico gravemente insulta, quando antes louvara como bem «formados e treinados em obras symphonicas de compositores antigos e modernos»)... E não será, pelo menos, curioso tachar os músicos de falta de «disciplina», grande parte dos quais (nos sopros, nas percussões) prestavam serviço nas bandas militares?...

O mau humor não passa a Sacavem, que volta a desferi-lo sobre o maestro, na apreciação mitigada da sua prestação, contrastante, mais uma vez, com o entusiasmo dos colegas:

«O sr. Francisco de Lacerda é um artista que conhece optimamente as partituras que rege. Será pouco elegante na regencia, por vezes a batuta é pouco clara mas dá e procura colorido ás obras executadas.

Das obras que mais me agradaram, que melhor foram tocadas, citarei a Pastoral, de Beethoven; o Freischutz, de Wehel [Weber]; Stenka Razine de Glazunar [Glazunov], e a Rapsodia Norueguesa, de Salo [esta é demais: Lalo!].

No fim do concerto em bis fez tocar a orchestra, a aria de Bäch, que foi regu-larmente executada.

Francisco de Lacerda e toda a orchestra receberam muitas ovações.» [1923/06/05 : 2]

Numa constância de atitudes, a crítica de Pinto (Sacavem) ao segundo concerto, é marcada pela ostensiva oposição entre a exaltação (merecida!) de Suggia e a depreciação (injusta?) de Lacerda. Se no espectáculo anterior ainda lhe concedera alguns (baços) elogios, agora estes são subsumidos pelo elenco de defeitos. Como já desfiámos um longuíssimo rosário laudatório da virtuosa Guilhermina, evitemos os acrescentos aqui juntos, começando a citação no fim deles:

«[...] A noite dantes d'homtem foi toda pertencente ao talento de Suggia, foi esta que imperou n'aquelas horas de Arte e de Beleza.

Falarei agora da orchestra.

Os acompanhamentos do Concerto em ré de Haydn e do Concerto de Lalo, foram executados com cuidado.

Ao nocturno, Auxe tailes [*Aux étoiles*], de Duparc, a orchestra deu relêvo mas esteve bastante infeliz na ouverture do Dom João, de Mozart e nos Fragmentos do 3.º acto dos Mestres Cantores. Na primeira faltou colorido e elegancia, na segunda, os naipes estiveram pouco seguros. Por vezes o desequilíbrio foi tal que alguns naipes atacaram sem esperarem o sinal da batuta!

Por enquanto o sr. Francisco de Lacerda, tendo aliáz uma orchestra tão bem organizada, tem revelado certas indecisões bem estranhas em um regente tão afeito a dirigir orchestras no estrangeiro.

Não seria natural que o sr. Francisco de Lacerda tivesse incluído n' estes concerto uma obra portugueza?...» [1923/06/08 : 3]

Se confrontarmos estas críticas com os elogios acima citados, que mais não fazem do que confirmar a aura internacional do maestro açoriano<sup>10</sup>, podemos deduzir um qualquer preconceito de má vontade (ou pouca fé), por parte deste corifeu da (pseudo) crítica lisboeta. Além disso, certos pormenores do seu artigo revelam sintomas alarmantes. Exigir, com efeito para a *Abertura de Don Giovanni* apenas «colorido e elegância» não é nada abonatório de fino gosto; e censurar ao maestro «*indecisões bem estranhas*», depois de só referir imprecisões dos «*naipes*» por antecipação no ataque (que, aliás, nenhum outro ouvido relevava - nem o de Freitas Branco, ou de Sampaio Ribeiro, bem afinados em música) é acto tão mais de pasmar quanto, pouco antes, os mesmos músicos tinham sido acoimados de não possuírem «*a devida disciplina e o amor á sua arte*»...

#### Os concertos no Porto, uma entrevista de Lacerda e outro artigo de Arroyo

Proseguindo a campanha de apresentação, a *Filarmonia de Lisboa* repetiu no Teatro S. João do Porto os dois concertos dados em S. Carlos, com o mesmo êxito triunfal. Nota pitoresca, o primeiro concerto, anunciado para a noite de 8 de Junho, teve de passar para 10, vejamos porquê, segundo a notícia dramática, saída n' *O Comércio do Porto*, com honras de primeira página:

«Um capricho da luz electrica deixou hontem o S. João ás escuras, tornando impossível a realização do 1.º concerto symphonico [...].

Desde as 8 1/2; durante duas longas horas uma grande multidão aguardou a pé firme em volta do theatro - bem inutilmente - a reparição de energia electrica [...]. Só ás 10 1/2, [...] á luz duma vela triste, appareceu no atrio o aviso, adiando o concerto para hoje á mesma hora com o mesmo programa.» [1923/06/09 : 1]

De facto o adiamento foi para o dia seguinte, porque o concerto já anunciado para 9, com Suggia, felizmente teve a necessária iluminação, muito menos brilhante, porém, que o fulgor do espectáculo. E tal foi ele que *O Comércio do Porto* ficou siderado, assarapantado ao ponto de brindar os leitores com uma das sínteses mais rutilantes de que reza a história da nossa imprensa - síntese a que modestamente chamou «*desoladora*». Eis essa jóia jornalística:

«Obriga-nos a uma desoladora noticia a inexorável falta de espaço, n' um jornal sobrecarregado, como é o de domingo. Mas abençoada razão, que nos permite guardar o grande silêncio, que deve acompanhar as grandes emoções!

<sup>10</sup>Não cabendo aqui a citação dos elogios feitos a Francisco de Lacerda no estrangeiro, remeto o leitor interessado para os notáveis textos da autoria de Maria Fernanda Cidrais [1986 : 61-63] e de José Bettencourt da Câmara [1996 : *passim*], que os reportam em abundância.

A soberba orchestra de Lisboa, sob a regência do illustre maestro Francisco de Lacerda é bem o côro, admiravel, que acompanha em moldura condigna, essa extranha sensibilidade da mulher que se chama Guilhermina Suggia.» [1923/06/10 : 2]

Para os leitores curiosos de saber qual era esta *sobrecarga dominical*, acrescentarei que o citado número do jornal tinha ao todo oito páginas, cinco das quais estavam cheias de notícias comerciais - do *Comércio do Porto*, é claro... A crítica do concerto acabou por sair três dias depois, mesmo assim sucinta e num *corpinho* quase ilegível, mas com a adjectivação da praxe e este fecho promissor:

«Ao illustre maestro regente agradecemos a amabilidade da sua visita, esperando que nos dê mais vezes o prazer de o admirarmos, conduzindo a sua esplendida orchestra.» [1923/06/13 : 3]

Entretanto Francisco de Lacerda, decerto animado com estes primeiros resultados, não se furtou a uma entrevista dada ao *Diário de Lisboa*, que transcrevo à excepção da breve introdução:

«[...] Ácerca dos seus projectos e do entusiasmo com que foi recebida a Filarmonica [sic] disse-nos hoje o notavel artista:

- Sim, cedendo a muitas e lisonjeiras instancias e ao proprio desejo dos membros da Orquestra, resolvemos dar um ultimo concerto no Coliseu. A sala do Coliseu, a maior de Lisboa, embora não tenha sido especialmente construida para Musica e não possua todas as qualidades acusticas desejaveis, pode e deve ser utilizada para estas festas de character popular. A Filarmonia de Lisboa, um dos "instrumentos" da Pró-Arte, deseja fazer-se conhecer de todos os que compreendem e respeitam um sincero esforço de portugueses, pela Arte, em Portugal...

- Esforço que foi brilhantemente compensado...

- Os concertos em Lisboa e no Porto, constituem um acontecimento artistico digno de menção e de registo. Tratava-se de demonstrar que, rapidamente, sem longos trabalhos preparatorios, se podia organizar uma Orquestra Portuguesa, de valor, capaz de executar dignamente, com arte, inteligencia e estilo, obras classicas, romanticas e modernas: - de Bach até Debussy. Creio que está demonstrado. Quanto a Guilhermina Suggia, uma das primeiras violoncelistas do mundo, o publico de Lisboa devia-lhe bem a brilhante apoteose que lhe fez. É uma admiravel artista, (mais conhecida e estimada no estrangeiro - o que tem acontecido a varios outros artistas nossos...) de que Portugal pode legitimamente orgulhar-se.»

Interrompamos a entrevista por um instante para observar que este último parêntesis e, dentro dele, as reticências, podiam abranger, ironicamente, o próprio Lacerda... Mas prossigamos:

«- E está satisfeito com o publico.

- O acolhimento feito á Filarmonia pelo publico de Lisboa e do Porto foi realmente admiravel; deixou-me profundamente comovido e grato. Confesso que nunca esperei obter - após tão longa ausência da minha terra - um aplauso tão expontaneo e expressivo da parte dos meus compatriotas. Das numerosissimas manifestações de apreço e de simpatia que temos recebido pelo esforço artistico já realizado [sic], destaca-se, como altamente lisonjeiro e significativo, o

voto unânime de congratulação que, por iniciativa do sr. Conde de Maфра, a Camara Municipal de Lisboa lançou na acta de uma das suas sessões. D. Tomás de Mello Breyner, apaixonado e esclarecido amator de Arte, é um dedicado, entusiasta e precioso defensor da Beleza, de quem a sua capital muito tem a esperar de futuro...

- E os seus colaboradores?

- O espirito dos meus colaboradores é excelente; em meia duzia de dias de trabalho sério, metódico, artistico, conseguimos imprimir á nossa Orquestra um caracter de ordem, de disciplina, perfeita e modelar.

E referindo-se á critica do [sic: o] sr. Francisco de Lacerda disse ainda:

- Foi unanimemente elogiosa e, salvo raras excepções, animadora e acertada. Mas o importante é trabalhar - trabalhar muito e bem... Car l'Art est difficile et la critique aisée! [1923/06/18 : 5]

Em jeito de comentário, digamos que Lacerda não esconde a consciência que tem do seu próprio valor. A insistência nas palavras *Arte* (com maiúscula) e *artístico* (uma vez sublinhado) mostra-o, além de uma obsessiva exigência de qualidade; mas alguns colegas poderão tê-la interpretado como insinuação para eles menosprezante. Enfim, o ambiente interno na orquestra parece excelente, aos olhos do maestro.

#### Apreciações na *Seara Nova* e no *Ecco Musical*

António Arroyo vem de novo à liça, agora na tribuna da *Seara Nova*, onde disserta e tira ilações acerca dos concertos de *S. Carlos* - e será esta a única peça que nos vem dessa revista prestigiosa cujo desígnio progressista era reformar a vida nacional. Começa o artigo com uma citação erudita:

«Diz algures Oliveira Martins que toda e qualquer nação deve encontrar em si mesma recursos para satisfazer as necessidades indeclináveis da civilização em que é forçada a viver; e eu acho que êle tem razão em absoluto. Mas entre nós, pelo menos até aos ultimos tempos, não se pensou assim. Viveu-se no mais lamentavel e propositado afastamento da vida espiritual das nações a cujo grupo geografico pertencemos, sem participarmos dos resultados dessa vida, sem exercer sobre ela a menor influência.

Na civilização europeia Portugal não contava; e por vezes o vimos até repelir os seus filhos que se haviam tornado ilustres ou conhecidos quer no estrangeiro, quer dentro do paiz, bem como o trabalho que êles produziam e o enobreceria; e procedia-se assim para podermos continuar vegetando na sorna e apagada atmosfera mental que nos caracteriza.»

Como prova, dá o exemplo triste do famoso gravador-medalhista João da Silva que, antigo pensionista do Estado, na Suíça e em França, onde foi primeiro prémio da Escola de Belas Artes de Paris, «se viu afastado da nossa Casa da Moeda, na qual falta toda a direcção artistica; e voltou para Paris onde vive [...] e onde lhe é reconhecido o seu real valor» - e acrescenta:

«E naturalmente perguntamos porque se gastou dinheiro com a sua educação no estrangeiro, se de aí não nos havia de resultar proveito algum.

Vem isto á colação para apreciarmos devidamente dois factos de ordem artistica que há pouco se produziram em Lisboa e cuja acção no nosso meio deve fazer-se sentir franca e lealmente. Refiro-me a dois concertos orquestrais realizados sob a direcção do maestro Francisco de Lacerda, no segundo dos quais se

fez ouvir a nossa violoncelista M<sup>me</sup> Suggia. E, como me cumpre falarei primeiro desta ilustre Senhora.»

Como, de Suggia, já temos boa conta de justos elogios, não citaremos os de Arroyo, mas apenas a sua observação de que ela vive em Londres e pouco é ouvida em Portugal. Passa então a Lacerda, de quem conta a educação em Paris (também como bolseiro do Estado) e a brilhante carreira subsequente, como chefe de orquestra e professor. A rematar e partindo da situação de prestígio que o maestro português auferiu lá fora, reafirma a tese que se não cansa de defender:

«Naturalmente tal situação não se obtêm sem a forte intelligência e extensa cultura literaria e musical que êle possui: e provou-o nos ultimos concertos em *S. Carlos*, em que nos revelou muitos aspectos inéditos para nós dos clássicos, dos românticos e dos modernos compositores. Lacerda atingiu por vezes a interpretação ideal da grande musica. E soube dominar em pouquissimos ensaios a orquestra portuguesa [...]. Raras vezes temos assistido a duas seratas [sic] de grande arte como foram as de 2 e 6 de Junho corrente, e por isso mesmo cumpre registá-las e apreciá-las sob o ponto de vista do seu aproveitamento para a nossa educação nacional. [...]

Quanto a Lacerda, notavel regente de orquestra em França e hoje estabelecido em Lisboa, é obvio que êle deve ficar á frente da orquestra que acaba de organizar e de dirigir, para nos dar interpretações das grandes musicas capazes de emparelharem, ou até excederem o que, nêsse genero de trabalho, melhor se faz nas nações cultas. Nós precisamos como dizia Oliveira Martins de satisfazer as necessidades indeclináveis da civilização em que sômos forçados a viver, e não devemos contentar-nos com as execuções musicais imperfeitas ou falseadas, mas sempre deprimentes, a que estamos habituados. Noblesse oblige.» [n.º 24, 1923/06 : 213-214]

Este remate de António Arroyo é forte na denúncia duma alegada falta de qualidade estabelecida na nossa rotina concertística. Mas obviamente uma tal denúncia, por muito justa que fosse, perturbava o *statu quo*. Ao lê-la, deve ter estremecido de susto o *establishment*, cuja posição as já citadas reticências e os augúrios funestos de Pinto (Sacavem) decerto reflectiam.

Da revista *Eco Musical - Orgão Defensor dos Musicos Portugueses* - já atrás citámos o anúncio breve mas simpático que publicara sobre a fundação da *Pró-Arte*. Mas depois dos concertos da *Filarmonia* em Lisboa e no Porto, dedicou-lhes duas páginas. A reportagem sobre o concerto inaugural, não assinada (da responsabilidade, portanto, do director-editor Arthur Odorico Rapozo), começa pelas seguintes e significativas considerações gerais:

«Não vem o "Eco Musical" dar a publico a novidade da formação da "Filarmonia de Lisboa", seus fins e triunfos já obtidos; no entanto, não só pela importância do empreendimento, como tambem por acharmos convenientes que nesta folha a iniciativa fique anotada, para que alguém possa, mais tarde, fazer a historia da musica em Portugal, obra essa ainda por realizar, vamos tratar do assunto.»

À guisa de comentário, diga-se que este patriótico propósito teve aqui utilidade; mas prossigamos:

«Foi o maestro Francisco de Lacerda quem tomou sobre si a imensa responsa-